



3. X-Men First Class: Os Mutantes e a Guerra Fria

Clara Regina Almeida¹

Seqüência da saga dos super-heróis criados por Stan Lee em 1963 e levados pela primeira vez aos cinemas em 2000, “X- Men First Class”, tem esse nome porque narra o processo da catalogação inicial de todos os mutantes - seres com habilidades especiais decorrentes de mutações genéticas- e a formação da primeira “turma” na recém-formada escola de garotos superdotados de Charles Xavier (James MacAvoy). Agora, em 2011, o novo filme da série, volta dirigido pelo inglês Matthew Vaughn, que além desse filme dirigiu e produziu obras como “Nem tudo é o que Parece” (2004), na qual ganhou o prêmio de diretor mais promissor, “Quebrando Tudo” (2007) e “O Mistério da Estrela”, lançado em 2010. X- Men First Class se ambienta em um importante período histórico, a saber: os dias da Guerra Fria (1945-1991).

O filme deixa claro seu papel de retroceder ao passado, com a justificativa de legitimar as ações dos Estados Unidos, enquanto nação mais poderosa da contemporaneidade. Justamente por isso, o cineasta Matthen Vaughn inicia sua película no ano de 1944, em pleno fim da Segunda Guerra Mundial. Vale salientar que esse foi o ano em que aconteceu o desembarque da Normandia, através do qual os Aliados iniciam o processo de libertação da França ocupada pelos alemães. A saga orbita entre a rivalidade de dois arquinimigos: Magneto (Michael Fassbender) e o Doutor Xavier e de uma disputa ainda maior entre União Soviética e o Estados Unidos .

Nessa película, observamos desde a primeira cena, a clara preocupação em contextualizar os X-Men no período da Guerra Fria. Já na primeira tomada aparecem os campos de concentração idealizados por Hitler, inimigo comum entre a URSS e EUA. Os Estados Unidos, por sua vez, é apresentado como um país promotor da liberdade, protegido, bem armado, muito articulado politicamente e o único capaz de promover a paz mundial, ao contrário do que se mostra em relação à União Soviética.

Os X-Men da “primeira classe” são, além de Magneto, Xavier, Mística (Jennifer Lawrence), Fera (Nicholas Hoult), Sebastian (Kevin Bacon), entre outros, nada mais são do que pessoas



que sofreram uma mutação genética causada por experiências com radiação. Pois bem, aí fica a pergunta: em qual período a palavra “nuclear”, melhor se encaixaria?

Os mutantes, produtos da Guerra Fria, agora se apresentam como uma solução para evitar uma possível Terceira Guerra Mundial. Os produtores minimizam a importância dos líderes dos Estados Unidos e da União Soviética no desenrolar da Guerra Fria, e fazem com que os mutantes consigam determinar qual será o final deste conflito ideológico.

Mas ao falar de Guerra Fria devemos lembrar de Jonh Lews Gaddis, que em sua obra “História da Guerra Fria” nos coloca que este período na verdade se deu pelo clima de tensão estabelecido desde o Fim da Segunda Guerra Mundial nos campos de batalha. Isso motivou uma corrida armamentista desenfreada e dividiu o mundo em duas ideologias distintas: a estadunidense e a soviética.² Reforçam este argumento, as palavras de S. Munhoz e F. Bertonha:

Ao final da Segunda Grande Guerra Mundial, apesar da vitória da aliança que envolvia os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a União Soviética, a paz tão esperada não se consolidou, pois crescentes tensões entre os vencedores geraram novas disputas que deram origem à formação de dois blocos antagônicos. [...] Assim, com o início da Guerra Fria, houve a conseqüente intensificação de conflitos homogêneos. Neles havia tensões, rivalidades e conflitos. Assim periodicamente, emergiam querelas em busca de hegemonias regionais e outros interesses de Estado.³

No que se refere ao conflito ideológico posto no filme e aqui já conceitualizado, mais do que uma apropriação bem feita do período, “X-Men First Class”, conseguiu explorar alguns conceitos comuns à época da Guerra Fria na obra como: comunistas, “era nuclear” e mutação genética. Encontramos menções a acontecimentos importantes entre 1945 e 1991. São mencionados o episódio dos mísseis dos EUA colocados na Turquia contra a URSS (1961), assim como a também a conhecida resposta soviética que desencadeou a crise dos mísseis em Cuba (1962). Os problemas com a Ilha de Fidel Castro quase entram para história como o estopim para a temida Terceira Guerra Mundial. Percebemos também as muitas referências à tecnologia durante o filme: os mísseis estão à mostra, os navios se tornam submarinos, os Estados Unidos já tem o seu Serviço Secreto bem desenvolvido e aparece também o serviço das Forças Militares russas.



O filme, por suas preocupações, também pode ser mais uma referência para o estudo da Guerra Fria. É ao confrontarmos exemplos como o de “X-Men First Class” que o cinema ajuda a complementar as ferramentas que os historiadores devem tomar como instrumento de trabalho. Como nos lembra Robert Rosenstone:

Sugerir que cineastas podem ser historiadores significa buscar um significado para essa palavra que antecede em muito a nossa ideia atual, que remonta ao século XIX, de que a história é contar o passado como ele realmente era- ou, no caso dos filmes, mostrar o passado como ele realmente era. Significa aceitar a ideia de que a história não é mais [nem menos] do que uma tentativa de remontar, explicar e interpretar o passado, dar sentido a acontecimentos, momentos, pessoas, períodos que desapareceram.⁴

Esta nova produção sobre os famosos mutantes da Marvel foi bem produzida e, quase a todo momento, efeitos especiais nos dão a sensação de realidade, quase nos fazendo esquecer que aquilo tudo é uma montagem que pretende interpretar um determinado período. Mas sabemos que não apenas este filme é passível de alguns incrementos hollywoodianos e está quase sempre inclinado ao floreamento de alguns fatos. Para lidar com isto sem que tente “corrigir” o filme, o historiador deve antes de mais nada se cercar de um arcabouço teórico, afim de manter um olhar crítico à respeito da obra analisada. É possível pensar as intenções da obra ao contar a história.

Na verdade, o que se vê no caso da película é que apesar do filme não ter sido feito período da Guerra Fria, ele aparece com uma visão um pouco mais apurada do que foi esse tempo de tensão no mundo. Ele tenta nos passar a mensagem de que os Estados Unidos foram os vencedores e que não haveria como ser diferente disto. Os americanos, no próprio filme aqui analisado, são os únicos entre os dois países hegemônicos na época que tinham super-heróis para lutar a favor do capitalismo e da sua causa maior, a luta contra o mal. Observa-se que neste “X-Men”, os ânimos já foram acalmados, os inimigos já não são os mesmos e o capitalismo já se mostra hegemônico. A obra inicialmente realiza uma ligeira crítica aos horrores da Segunda Guerra Mundial e mostra o medo que se tinha de se revivê-la. Nada entre os anos de Guerra Fria era mais temido do que uma nova guerra. Por isto, “X-Men First Class” se torna uma obra atual, que nos fala de uma guerra, um confronto que nunca



aconteceu abertamente, embora tenha deixado até hoje as angustiantes lembranças dos tempos de tensão.

Notas

¹Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do GET. E-mail: clarareginalm@hotmail.com

²GADDIS, Jonh Lews. História da Guerra Fria. Tradução: VIEIRA, Glauber. Ed. Nova Fronteira, 2010.

³BERTONHA, João Fábio, MUNHOZ, Sidnei. Impérios da Guerra Fria. In: SILVA, Francisco Carlos, MUNHOZ, Sidney (Coord.) Impérios na História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 322.

⁴ROSENSTONE, Robert. A historia nos filmes, os filmes na historia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. p.191.

Referências Bibliográficas

BERTONHA, João Fábio, MUNHOZ, Sidnei. Impérios da Guerra Fria. In: SILVA, Francisco Carlos, MUNHOZ, Sidney (Coord.) **Impérios na História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

GADDIS, Jonh Lews. **História da Guerra Fria**. Tradução: VIEIRA, Glauber. Ed. Nova Fronteira, 2010.

ROSENSTONE, Robert. **A historia nos filmes, os filmes na historia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

X-MEN First Class. Sheldon Turner, Bryan Singer. Direção de Matthew Vaughn, Produção: Gregory Goodman, Simon Kiberg, Stan Lee, Josh McLaglen, Tarquin Pack Lauren Shuler Donner e Bryan Singer. Roteiro: Ashley Miller, Zack Stentz, Jane Goldman e Matthew Vaughn. Produtora: Bad Hat Harry Produções, Distribuidora: 20th Century Fox de Argentina, 2011.1 filme (120 min), son., color.